

# Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”

Michael Löwy  
São Paulo, Boitempo, 2005, 160p.

PEDRO PAULO A. FUNARI\*

Michael Löwy apresenta uma leitura original da obra do grande pensador alemão, a começar por sua caracterização do pensamento de Benjamin como uma crítica moderna à modernidade, mais do que uma abordagem moderna ou pós-moderna. A filosofia da História de Benjamin apóia-se em três fontes diversas: o romantismo alemão, o messianismo judaico e o marxismo. Não se trata de uma síntese de perspectivas, mas de uma nova interpre-

tação original. Ao contrário do marxismo evolucionista vulgar, Benjamin não concebe a revolução como um resultado natural e esperado, inevitável, como resultado do progresso econômico e tecnológico, nem mesmo como a resultante das contradições nas relações de produção. Ao contrário, introduz o conceito de interrupção da evolução histórica que leva à catástrofe, ao retomar o conceito grego de “virar” (*trephein*) para “baixo” (*kata*), fazer ficar de ponta cabeça, le-

\* Departamento de História e Núcleo de Estudos Estratégicos, Universidade Estadual de Campinas.

*bouleversement*. Löwy explicita suas escolhas, ao privilegiar a produção a partir de 1936, quando Benjamin volta-se para uma crítica marxista *sui generis* das formas capitalistas de alienação. Será nesse período que Benjamin irá dissociar-se, cada vez mais, das “ilusões do progresso”, formulando sua teoria da História. Löwy apresenta sua análise como “talmúdica”, o que já estabelece uma ligação direta com a tradição de comentário que havia, de uma forma ou de outra, influenciado, seja Marx, seja Benjamin. Trata-se, pois, de uma grande “variação”, para usarmos um termo musical, em torno das teses sobre História.

Começa por afirmar que é preciso situar o documento em seu contexto histórico, no ápice do fascismo europeu e, ao consultar documento inédito do Arquivo Scholem, em Jerusalém, pôde constatar que o conteúdo do manuscrito de Benjamin inspirou-se nas teses sobre o conceito de Justiça de Scholem. Löwy não propõe a leitura “verdadeira” das teses, mas uma interpretação. Deu-se conta da dimensão universal das proposições, de sua importância para compreender, “do ponto de vista dos vencidos”, não só a História das classes oprimidas, como dos párias todos, das mulheres aos judeus, dos ciganos aos índios e negros. O que distingue Benjamin de Marx não é apenas a dimensão teológica, mas o papel reservado à reivindicação das vítimas da História, propugnada por Benjamin, para quem o marxismo não tem sentido se não for também o herdeiro e executante testa-

mentário dos séculos de lutas e sonhos de emancipação. Para ele, o conceito mais importante do materialismo histórico é a luta de classes, a luta entre opressores e oprimidos. O Messias é a classe proletária e o Anticristo, as classes dominantes, metáfora que lhe foi sugerida pelo teólogo protestante e socialista revolucionário suíço Fritz Lieb.



Para Benjamin, o imperativo de escovar a História a contrapelo significa ir contra a versão oficial da História, opondo-lhe a tradição dos oprimidos e, conseqüentemente, a luta contra a corrente. Os Arcos do Triunfo, como o celeberrimo Arco de Tito (96 d.C.), inspiraram a famosa frase das teses sobre os documentos da cultura como documentos da barbárie, ao celebrarem a guerra e o massacre. As grandes obras de arte e civilização, como as pirâmides citadas por Brecht, somente podem ser feitas à custa do sofrimento e da escravidão dos oprimidos. A alta cultura não poderia existir sem o trabalho anônimo dos produtores diretos, dos excluídos. A verdadeira História universal, fundada na rememoração de todas as vítimas, sem exceção, somente será possível na futura sociedade sem classes. Nietzsche, citado em epígrafe por Benjamin, é tomado como advertência de que a historiografia deve servir ao presente “para favorecer o acontecimento de um tempo futuro”. A rememoração do passado, dos mártires de todas as épocas, serve à libertação que há de vir. As lutas são mais inspiradas na memória viva e concreta dos ancestrais dominados do

que naquela, ainda abstrata, das gerações futuras. A última classe subjugada, o proletariado, vê-se como herdeira de vários milênios de lutas, de combates derrotados de escravos, servos, camponeses e artesãos. A força acumulada dessas lutas torna-se combustível para a classe emancipadora do presente que poderá interromper a continuidade da opressão.

Em franca oposição ao evolucionismo da Segunda Internacional, as teses ressaltam que não há progresso “automático” e o suposto automatismo da História, se aceito, levaria à reprodução da dominação. O revolucionário busca inspiração e força na lembrança e fuga, dessa forma, ao canto de sereia do futuro garantido e seguro. O marxismo messiânico, tão próximo da Teologia da Libertação, recusa as armadilhas da “previsão científica” e valoriza a oportunidade, *kairós*, em grego, do fim da opressão, da emancipação. Os calendários são expressão de um tempo histórico, heterogêneo, carregado de memória e de atualidade, ao contrário do tempo vazio da tirania do relógio sobre a vida dos trabalhadores. O conjunto das culturas tradicionais, pré-capitalistas guarda em seus calendários e festas os vestígios da consciência histórica do tempo. Ao contrário do que pretende o discurso tranquilizador da *doxa* atual, da opinião generalizada, a catástrofe é possível, até provável, a não ser que façamos algo. Na contracorrente da tendência dominante na esquerda, que tantas vezes reduziu o socialismo aos objetivos econômicos da classe operária in-

dustrial, em sua face masculina, branca e nacional, Benjamin propõe um projeto revolucionário de ambição emancipadora universal, protagonizado pelas classes oprimidas como sujeitos da práxis transformadora.

As consequências da análise de Michael Löwy são importantes para os rumos tanto dos movimentos sociais, como da historiografia, no início do século XXI. Por um lado, indica como as dicotomias entre oprimidos e opressores, tantas vezes consideradas superadas e sem sentido, mostram-se essenciais para entender a dinâmica das sociedades históricas. Em seguida, a crença no progresso inexorável tem servido para ocultar clivagens e obscurecer a diversidade no seio mesmo dos oprimidos. Por último, mas não menos relevante, a historiografia que se quer desvincular dos embates do presente, da História como atividade que finge descobrir “verdades” defendidas pela autoridade decorrente do poder, ainda quando se quer progressista, mostra-se reacionária, defensora do *status quo*. Não menos relevante, pois a historiografia não é, mesmo quando o quer ser, uma tarefa meramente acadêmica, mas insere-se na construção do passado e, portanto, da perspectiva de futuro. Se a Escola de Frankfurt, no geral, propugnou a ligação umbilical entre a lembrança do passado e a ação que, em potência (*dynamis*), pode forjar um futuro de liberdade, Walter Benjamin foi aquele que mais ousadamente propôs o caráter messiânico e revolucionário da His-



tória. Em tempos de Arcos do Triunfo de um Tito farsesco, como Bush, da exibição dos espólios da guerra no Iraque, as advertências de Benjamin parecem mais atuais do que nunca.